

Arte e Religião

Texto originalmente escrito por James H. Leuba¹ e publicado em *International Journal of Ethics*². Traduzido por Danilo Mendes³ com base na lei Nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998 acerca dos direitos autorais em domínio público.

O prazer estético e o impulso artístico têm sido associados à religião em quase todas as fases do seu desenvolvimento. Esforços artísticos brutos apareceram em conexão com religiões primitivas em danças mágico-religiosas, cerimônias dramáticas e a criação de fetiches⁴. A religião grega e as artes plásticas cresceram simultaneamente: a comédia grega e a tragédia têm sua origem nos hinos cantados na festa de Dionísio. Sob o estímulo da inspiração religiosa, a pintura e a arquitetura alcançaram nos séculos XV e XVI uma beleza e uma extraordinariedade quase nunca mais alcançadas.

Na discussão da ligação da arte com a religião, pode-se excluir imediatamente a suposição de que uma é necessária para a outra. Prova suficiente disso é encontrada nos tipos de religião que repudiam as atrações estéticas. O que, por exemplo, a arte tem a ver com a adoração dos Amigos⁵? Eles valorizam a simplicidade, a dignidade, a solenidade; mas não toleram arquitetura, escultura, imagens ou música.

Embora o impulso artístico não vise a produção de coisas de utilidade comum, inicialmente, ele está inevitavelmente ligado a objetos necessários ou pelo menos úteis. Na verdade, só entre os povos civilizados existem criações puramente artísticas: criar

¹ James Henry Leuba (1868-1946) foi um dos mais proeminentes psicólogos da religião no início do século XX. Embora seja suíço, Leuba esteve radicado nos Estados Unidos durante a maior parte de sua carreira acadêmica, na qual lecionou na Antioch College, no Estado de Ohio. Suas contribuições ao estudo da religião são pouco conhecidas (conforme aponta E. Sharpe em *The study of religion in historical perspective*) mas ainda muito relevantes. As posições filosóficas de Leuba o aproximam de um naturalismo característico do início do séc. XX, o que se percebe na utilização de termos que não nos parecem, hoje, adequados, por exemplo: “povos civilizados” em contraposição à “povos primitivos”.

² LEUBA, J.H. Art & Religion, *International Journal of Ethics* v. 27, n. 4, 1917, p. 512-519. JSTOR, <http://www.jstor.org/stable/2377148>. Accessed 26 Jul. 2022.

³ Doutorando e mestre em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora com bolsa CAPES. Bacharel em Filosofia pela UFJF e em Teologia pela FABAT-RJ. E-mail: danilo.smendes@hotmail.com

⁴ Aqui, o termo fetiche é usado por Leuba em seu sentido mais próximo à sua origem filológica. Em vez de representar a relação entre um objeto específico e o prazer sexual, “fetiche” indica a produção artística de um objeto ritual sagrado. Nesse sentido, se liga semântica e filologicamente à “feitiço”. [N.T.]

⁵ Leuba se refere aos Quakers quando trata dos “amigos”. Essa nomenclatura, mais usual no contexto anglófono, também pode variar como “Sociedade religiosa dos amigos” ou “Sociedade dos amigos”. [N.T.]

um belo objeto a partir somente do desejo de se expressar de modo belo é uma marca de um alto grau de cultura. Na vida primitiva, a arte é em todos os casos um acessório, um adjunto do útil. O impulso artístico foi induzido à expressão pela presença de objetos produzidos sob a pressão compulsória de necessidades urgentes. A flecha que mata para preservar a vida oferece sua forma à mão criativa num momento de ociosidade – e a decoração nasce; a dança mágica que garante o sucesso dos guerreiros revela o deleite dos movimentos rítmicos, e a dança artística surge.

As cerimônias religiosas estão entre as atividades úteis que oferecem uma oportunidade ao impulso artístico. Pode-se, portanto, esperar que a arte acompanhe a religião assim como ela acompanha a fabricação de flechas e a olaria. Mas deve-se observar que aproximar a religião da beleza não foi, nos primeiros tempos, entendida como uma atração por parte dos interessados no seu sucesso. Mais tarde, porém, quando os homens eram mais autoconscientes e mais sofisticados, a associação da arte com a religião pôde muito bem, aqui e ali, tornar-se uma prática recorrente. Uma consciência mais ou menos clara do valor da arte para a religião tem sido, sem dúvida, operacional na produção da enorme pompa da Igreja Romana. Tanto que se pode admitir de forma justa sem concordar com von Hartmann quando ele afirma que “a admissão da arte nos serviços religiosos nunca foi outra coisa senão uma isca secular para seduzir a grande massa de pessoas nas quais o sentimento religioso não tem sido suficientemente forte por si só para apoiar e prolongar muita devoção e contemplação sem a ajuda de tais meios externos de excitação.” Quão inadequada e injusta esta opinião é, torna-se evidente assim que um exame psicológico da relação da arte com a religião é realizado.

A tendência natural para embelezar objetos e ritos religiosos ou, de um modo mais geral, para dar valor estético ao que for trazido à existência devido à sua utilidade, está intimamente relacionada com a propensão de tornar agradável qualquer busca na qual se possa ter de se envolver. O homem do interior que vem à cidade a negócios normalmente não tenta fazer da viagem um prazer? Em todo lugar, as cerimônias religiosas têm servido como um núcleo sobre o qual foram recolhidas atrações dos tipos mais variados, sobretudo, as que dependem de um grupo de pessoas. O filho de Jane Harri conta-nos, por exemplo, em *Prolegômenos a um estudo da religião grega* que a cerimônia religiosa chamada *Antestérias*, celebrada em homenagem a Dionísio, durava três dias. No primeiro dia, abriam o novo vinho e faziam uma oferenda ao Deus. “Com



os barris abertos, a festa instala-se, dura até ao dia seguinte e passa para um terceiro.” No segundo dia tinha lugar a cerimônia de casamento da esposa do Rei Arconte com o deus Dionísio. No terceiro dia havia um concurso dramático... “A intenção era fazer uma feira de três dias. Um ‘Perdão’ na Bretanha de hoje oferece talvez a analogia moderna mais próxima”.⁶

O desejo pelo prazer favorece as religiões mais atraentes à custa dos menos atraentes. Se se deve trabalhar pela salvação da alma, por que não dar a preferência a uma religião eficaz que é ao mesmo tempo bela? Frederic Bastiat, um distinto convertido à fé Católica Romana, exclama: “De resto, esta religião é tão bonita que me parece possível amá-la de modo a alcançar a felicidade neste mundo mesmo.” Para alguém tão sensível a impressões estéticas, como Bastiat, frequentar a igreja pode valer a pena, embora nada esteja mais longe da mente de alguém do que a religião.

Entre as respostas que recebi a um *Questionário* sobre a vida religiosa, várias expressam uma preferência pela Igreja Episcopal em vez da Igreja Presbiteriana “devido ao prazer estético derivado do serviço”. Boa música, arquitetura imponente, belas imagens, são frequentemente mencionadas nestes documentos como razões para frequentar a igreja. Escreve-se, por exemplo: “Prefiro um serviço religioso de mais formalidade. Não tenho sentimentos religiosos em público, exceto quando estou rodeado pela arquitetura imponente, em vidro colorido, na pompa da igreja. Ajoelhei-me num santuário, ao viajar pelo exterior, com sentimento religioso, e fiz o mesmo no altar de uma catedral. Prefiro o culto romano a qualquer outro por esta causa; mas eu me abstenho de ter qualquer relação com ele porque eu acho que é perigoso para a liberdade.” Talvez os “sentimentos religiosos” acima mencionados representem apenas uma emoção estética. Não são raras as pessoas, que, profundamente sensíveis à beleza e indiferentes à religião no sentido próprio do termo, imaginam que o prazer que encontram em belas cerimônias religiosas é uma experiência religiosa. São como os cegos que usam nomes de cores que não enxergam. Isto pode ser verdade para a pessoa cujas únicas experiências “religiosas” lhe chegam através da música: “A música sagrada me afeta poderosamente.

⁶ Para mais informações acerca dessa festa, recomendamos: Ainda sobre o ritual, mais informações.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Dicionário Mítico-Etimológico*: Volume único. Petrópolis: Editora Vozes. 2014. p.54-57; Enciclopédia britânica. *Anthesteria* Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Anthesteria>. Acesso dia 26 de jul. 2022. Sobre a explicação do “perdão” na Bretanha da época de Leuba: Catholic Encyclopedia. *Pardons of Brittany*. Disponível em: <https://www.newadvent.org/cathen/11477b.htm>. Acesso dia 17 de jun. 2022. [N.T.]



É como uma dor física e um arrebatamento mais doce - causando extrema satisfação e depressão.”

O encanto estético do culto Anglicano é admiravelmente transmitido na seguinte passagem dos *Tipos de Piedade Inglesa* dos Coats:

Uma característica marcante do culto sacerdotal é o seu prazer de todo o coração no simbolismo e no amor à arte [...] Quando um culto da Igreja de Inglaterra é adequadamente realizado, a alma que não conseguiu adorar se sente enfadonha. A arquitetura mais imponente, a música mais doce e solene, a linguagem mais pura, as melhores vestes, as posturas mais agradáveis, e as cerimônias mais estimulantes são todas solicitadas para ajudar a alma vagarosa na sua fuga para Deus. Certamente, se o espírito de um homem pudesse tomar asas acima da terra, seria nestas condições. O olho é cortejado para o céu por colunas subindo ou por vitrais históricos. O ouvido é ganho por melodias que ou derretem à penitência ou agitam ao louvor. As estátuas nas paredes ou os latões sob os pés falam dos santos mortos, e acenam para as coisas boas que eles conquistaram. Até os ecos reverberantes e a sombra repousante convidam os pensamentos tranquilos e os votos solenes. ... Não é de estranhar que um adorador habituado a este tipo de devoção, com o seu apelo rico e multifacetado, deve considerar com infinita piedade e até desprezar o culto e o jejum vazio do Protestantismo Evangélico. Como despido e sem graça e irreverente que deve parecer ser.

As emoções, especialmente as produzidas por grandes e magníficas paisagens, favorecem a interpretação ingênua e animista da natureza. Há pessoas que, ao ver as Cataratas do Niágara, têm de se conter para não se ajoelhar. Elas obtêm a sua experiência religiosa mais vívida do “panorama dos grandes e impressionantes poderes da natureza, como picos elevados, vales férteis, desertos secos, riachos poderosos, desfiladeiros profundos, vulcões ativos, e não menos importante, a conglomeração oscilante e em dificuldades chamada humanidade.”

A influência religiosa de tais objetos deve-se, em grande parte, ao efeito desorganizador das emoções sobre a mente. O primeiro e imediato resultado de uma convulsão emocional é interromper a predominância do pensamento, deslocar a atitude reflexiva e o conhecimento recentemente adquirido que possibilita a interpretação mecânica da natureza. A mente volta, para o animista, ao ponto de posição pré-crítica. Os ruídos da floresta podem tornar-se a voz de Deus quando o espanto e a reverência tomam posse da alma. A agitação das folhas que, num humor sóbrio e crítico, sugere apenas a ação de uma brisa, pode parecer carregada de uma insinuação divina. Isto, afinal, não é mais



surpreendente do que o súbito aparecimento de um ladrão na mente de uma audição na calada de ruídos noturnos pouco habituados. As biografias religiosas apresentam diversos exemplos nos quais há uma vantagem que a religião ganha com a perturbação emocional. Eis um exemplo retirado do *Progresso do Peregrino Moderno*:

Em tempos de profundo medo ou problema, esqueci-me de toda a filosofia, ignorei todas as teorias evolucionárias e chorei em voz alta ao Deus da minha infância . Uma vez lembro-me de ter sido pressionado por um grande problema que ameaçou esmagar toda a alegria da minha vida. Durante toda a noite andei para cima e para baixo no meu quarto, temendo as notícias que a luz da manhã traria. [...] Eu tinha rezado e nenhuma ajuda tinha vindo. No meu quarto estava uma foto da Madonna Sistina de Rafael, e enquanto estava diante dela, no meu desespero, chegou a ideia dos milhões que procuraram a ajuda de Maria. Ajoelhado implorei, se ela realmente existisse e tivesse poder, para usá-lo em meu nome. Amanheceu, e, desgastado, eu adormeci ajoelhado no chão.

Na medida em que o domínio da arte reside na esfera do sentimento e da emoção, a reflexão é antagónica à arte. O inimigo mais perigoso da criação artística é o hábito crítico do pensamento. Ele é também o inimigo mais perigoso das religiões que ficaram para trás no conhecimento dos tempos.

Os gregos conceberam os seus deuses como perfeitos na forma, e assim tentaram representá-los. Como a beleza plástica perfeita era um dos principais atributos dos deuses, alguém de Atenas mal conseguia pensar na beleza sem que os seus pensamentos ascendessem às suas divindades. Mas mesmo quando a concessão antropomórfica de Deus é rejeitada, a beleza plástica pode ter algum valor religioso. Nas suas *Entretiens sur l'Art*, Auguste Rodin fala das três deusas do Partenon⁷, “Vemos aqui apenas três mulheres sentadas, mas a sua atitude é tão serena, tão divina, parecem fazer parte de algo enorme e invisível. Acima delas paira o grande mistério: a razão, imaterial, eterna, à qual toda a natureza obedece e da qual eles próprios são os servos divinos”.

O Deus cristão, despojado da beleza plástica, adquire o carácter da perfeição moral. Ele é o Infinito em quem todas as diferenças são harmonizadas. A estreita ligação que existe entre as emoções despertadas por objetos belos e por essa ideia superior do divino é claramente entendida por muitos de meus pares. Escreve-se, por exemplo, depois de

⁷ O Partenon é um templo antigo construído em homenagem à deusa Atenas, na Grécia. Estima-se que o templo tenha sido finalizado no séc. V a.C. [N.T.]

afirmar que a emoção produzida pela beleza não é uma emoção religiosa: “Na medida em que a beleza e a harmonia formam qualquer parte do ideal, e na medida em que a beleza natural proporciona qualquer impulso para uma vida mais elevada, para a realização do ideal, acredito que devo classificar esses pensamentos estéticos como religiosos.”

Não só as impressões feitas pelo belo e pela ideia de Deus em alguns aspetos são semelhantes, mas as atitudes do prazer estético e da adoração religiosa são elas próprias substancialmente iguais. “A atitude de espírito que se deve ganhar, se se pretende apreciar as obras estéticas, é uma atitude de receptividade, e quase completamente de receptividade passiva, uma atitude de observação de efeitos de fora, de atenção absorpta a estes efeitos. No prazer profundo dos poderosos efeitos estéticos, ficamos 'encantados', como diz o ditado.” As expressões “recepção passiva” e “atenção absorpta” usada por Marshall na descrição do estado de apreciação artística, são as mesmas pelas quais os místicos descrevem o estado de união com Deus. A estreita semelhança entre o devoto da arte quando absorto no objeto da sua admiração, e o adorador possuído pelo seu Deus, não deve ser contestada. A absorção extática em Deus e o prazer de *Einfühlung*⁸, para usar o termo pelo qual os alemães caracterizam a atitude estética são, psicologicamente considerados, estados semelhantes. Não admira, então, que o prazer da arte e o êxtase religioso tenham sido confundidos.

Não podemos, portanto, dizer, na frase de von Hartmann, que a arte religiosa é apenas “uma isca secular”. Pelo contrário, a arte é, de várias formas, uma associação natural da religião: é natural que o homem embeleze aquilo que deve fazer, ou possuir, em favor da utilidade; certas concepções religiosas, em particular a ideia de deus, fornecem temas e inspiração para a criação artística; os deuses antropomórficos são concebidos de forma natural tão bonita e assim também, num sentido mais elevado, o Perfeito; e, finalmente, a emoção estética é em alguns aspetos semelhante à emoção despertada por Deus quando ele é concebido como o Totalmente-Perfeito - a absorção no belo e a santa comunhão com Deus têm elementos essenciais em comum.

Em algumas das relações que indiquei a arte aparece como o ajudante da religião; em outros, a arte é parte dependente. O estímulo que ela recebe da religião fica

⁸ Em alemão no original. Uma tradução literal seria “sentir dentro”. O termo equivale ao que chamamos de empatia.



especialmente claro quando se percebe o incentivo, considerando o ímpeto artístico na concepção antropomórfica dos seres divinos. Teria sido estranho, de fato, se a representação das divindades nas formas mais leais não tivesse sido o objetivo mais elevado dos grandes artistas.

Esta influência da religião sobre a arte não é, no entanto, de um tipo peculiar à religião. Onde quer que as nascentes da vida sejam tocadas, onde quer que a imaginação seja despertada, a arte encontra a sua razão. A este respeito, portanto, a arte e a religião estão numa relação semelhante à existente entre a arte e qualquer outra atividade. Hoje, especialmente nos Estados Unidos, os grandes recursos materiais e as manifestações de grande poder em maquinaria, indústria e comércio, são fontes frequentes de arte arquitetônica e pictórica.

Se a arte permanece nos países cristãos como um importante aliado da religião, ela quase deixou de obter o seu apoio. Pouco se perderia para a arte do século XIX se o que lhe deve a inspiração religiosa fosse eliminado. A perda de apoio deve-se, em parte, ao desaparecimento da novidade dos objetos religiosos receptivos de arte e, em maior grau, à perda das crenças que foram fonte de inspiração artística.

Quando, apesar do seu valor para a religião, a arte é rejeitada pela religião, ela o é principalmente por causa de certos antagonismos entre eles. O objetivo da religião ética e o propósito da arte estão, afinal, longe de ser idênticos. É o medo de que o símbolo, a imagem, a forma usurpem o lugar da realidade, e ainda mais o protesto da consciência puritana contra o prazer egoístico com que o artista se contenta, que condenam o protestante a adorar dentro de muros vazios.

Traduzido por Danilo Mendes